

**“Formar um bloco com os nossos corpos”:
o(s) corpo(s) localizado(s) em *Novas Cartas Portuguesas***

Peter Haysom

University of Nottingham/Midlands4Cities AHRC Doctoral Training Partnership

Resumo: O livro polémico e revolucionário *Novas Cartas Portuguesas* (1972), escrito por Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, pode ser abordado a partir de dois aspetos interligados: uma insistência na representação de numerosas (e extremamente *localizadas*) experiências de mulheres, e a imagem recorrente do corpo feminino (ou dos corpos femininos). Ao considerar estes dois elementos em conjunto, este ensaio irá defender que as Três Marias antecipam, através do seu texto literário, as “políticas de localização” (Rich *et al*) que têm influenciado a teoria e a prática feminista desde os anos oitenta do século passado. Este estudo irá considerar o modo como *Novas Cartas* atribui uma determinada “localização” (ou múltiplas localizações) a numerosos corpos femininos, e em que medida é que os corpos individuais de mulheres são instrumentalizados pelas autoras para criar um “bloco” de resistência e de solidariedade feminina global. Concluir-se-á, porém, que a geometria e os limites de um corpo único são elementos necessários para a construção deste bloco duro e inquebrantável.

Palavras-chave: *Novas Cartas Portuguesas*; políticas de localização; feminismo; corpo

Abstract: The controversial and revolutionary book *New Portuguese Letters* (1972), by Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta and Maria Velho da Costa, can be characterised by two interlinked motifs: an insistence on bringing numerous (and highly *localised*) experiences of women into representation, and the recurring image of the female body (or female bodies). Considering these two elements in tandem, this essay will argue that the Three Marias anticipate, through their literary text, the “politics of location” (Rich *et al*) that have

influenced feminist theory and practice since the 1980s. This study will consider the ways in which *New Portuguese Letters* attributes a specific “location” (or multiple locations) to numerous female bodies, in order to denote individual material experiences, and the extent to which the individual bodies of women are used by the authors to create a “block” (or a “barricade”) of resistance and global female solidarity. It will conclude, however, that the geometry and limits of a single body are necessary elements for the construction of this durable and unbreakable block.

Keywords: *New Portuguese Letters*; politics of location; feminism; body

“Ouve, irmã, o corpo” (Barreno/Horta/Costa 2010: 287). Em *Novas Cartas Portuguesas* (1972), o livro célebre escrito por Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, a articulação das experiências de múltiplas mulheres e a diversidade dos pontos de vista no feminino são aspetos essenciais da obra; é através de uma pluralidade de perspetivas *localizadas* que *Novas Cartas* representa e responde a numerosas realidades sociais – em Portugal e à escala global. Mais precisamente, o livro das Três Marias ilustra diversas “localizações” e utiliza-as estrategicamente, antecipando as “políticas de localização” esboçadas em textos teóricos das décadas posteriores (cf. Haysom 2016: 23-94). Neste contexto, o corpo feminino surge repetidamente na obra como um símbolo físico: representa o sítio no qual várias forças de opressão confluem e se interseccionam, denotando experiências femininas que são situadas em múltiplos sentidos. Assim sendo, este ensaio irá debruçar-se sobre a importância do *corpo localizado* (ou, alternativamente, dos *corpos localizados*) em *Novas Cartas*, na medida em que a metáfora de um corpo feminino individual contribui para um *bloco*; isto é, um movimento único, solidário e indissolúvel que é inevitavelmente compilado de perspetivas parciais.

Para começar, é importante referir que algumas abordagens existentes de *Novas Cartas Portuguesas* já contemplam em bastante pormenor o papel do corpo (ou dos corpos)

feminino(s) nesta obra, quer na óptica da *écriture féminine*,¹ quer no sentido figurativo da cartografia.² Por outro lado, determinados estudos estabelecem uma relação entre certos trechos do livro e a “política de localização” defendida por Adrienne Rich.³ Não obstante, consideramos que estas observações devem ser utilizadas como ponto de partida e aprofundadas, no sentido de examinar a obra na sua totalidade, de contemplar múltiplas “políticas de localização” e, sobretudo, de contemplar o corpo e a localização em conjunto: patenteia-se que os corpos femininos de *Novas Cartas* representam experiências individuais, materiais e profundamente *situadas*.

De facto, como relembra Ana Gabriela Macedo, desde os anos oitenta do século passado tem-se verificado na teoria feminista uma crescente preocupação com a especificidade de cada corpo feminino, preocupação essa que pode ser lida à luz das “políticas de localização”, assentes na materialidade e na parcialidade de cada ponto de enunciação, e englobando factores como a raça, a nacionalidade e a classe económica, assim como a localização geográfica propriamente dita (cf. 2001: 147-148). Esta tendência manifesta-se, em primeiro lugar, num ensaio pioneiro de Adrienne Rich intitulado “Notes Toward a Politics of Location” (1984), no qual o corpo da mulher é definido como o primeiro espaço de localização, sendo o marcador geográfico mais essencial e imediato para situar e articular as experiências femininas particulares:

Begin, though, not with a continent or a country or a house, but with the geography closest in – the body [...]. Wherever people are struggling against subjection, the specific subjection of women, through our location in a female body, from now on has to be addressed. [...] The need to begin with the female body – our own [...], locating the grounds from which to speak with authority as women. (Rich 1986: 212-213)

Assim, o corpo feminino surge como um *sítio* material capaz de denotar vários factores sociais para além do sexo: a identidade racial, a classe económica e a própria geografia, entre outras questões (cf. *idem*: 215). Por esta razão, a autora interessa-se pelo corpo específico e pessoal, e não ‘um corpo’ *em abstracto*, para que a experiência pessoal possa ser devidamente representada: “When I write ‘the body’, I see nothing in particular.

To write ‘my body’ plunges me into lived experience, particularity. [...] To say ‘the body’ lifts me away from what has given me a primary perspective. To say ‘my body’ reduces the temptation to grandiose assertions” (*ibidem*).

Para além deste texto emblemático de Rich,⁴ a conceptualização do corpo como ponto de localização também surge no ensaio “Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective” (1988) de Donna Haraway. Neste texto, Haraway defende o conceito de “embodied objectivity” (1988: 581), que consiste na perspetiva parcial, a partir de um corpo particular (cf. *idem*: 583), para garantir a visão objetiva: “I am arguing for the view from a body, always a complex, contradictory, structuring, and structured body” [*idem*: 589]). No entanto, a estratégia de *feminist embodiment* para a qual a autora aponta não se limita a um corpo fixo. Considerando que os corpos denotam *fronteiras*, que se materializam através da interação social, eles devem ser compreendidos como entidades fluidas, em constante transformação (cf. *idem*: 595). Logo, a *visão a partir do corpo* conceptualizada por Haraway deve ser plural, contemplando uma panóplia de distintos posicionamentos ou *standpoints* femininos, representados por diversos espaços corpóreos: “Feminist embodiment resists fixation and is insatiably curious about the webs of differential positioning. There is no single feminist standpoint because our maps require too many dimensions for that metaphor to ground our visions” (*idem*: 590). Desta forma, Haraway contempla a interação entre o corpo específico de uma mulher e uma comunidade de experiências femininas à escala global: “the tones of extreme localization, of the intimately personal and individualized body, vibrate in the same field with global high-tension emissions” (*idem*: 588).

Esta teorização do corpo localizado tem-se desenvolvido também através dos conceitos de *margem* e de *interseccionalidade* (hooks 1984; Crenshaw 1988), culminando numa visão contemporânea do corpo como um *locus* caracterizado por múltiplos factores sociais e culturais. Por exemplo, Rosi Braidotti, no seu discurso “Between the No Longer and the Not Yet: Nomadic Variations on the Body” (2000), visualiza o corpo através da metáfora de uma interface: “the body is an inter-face, a threshold, a field of intersecting material and symbolic forces, it is a surface where multiple codes (race, sex, class, age, etc.)

are inscribed; it’s a cultural construction” (Braidotti 2000: s/p). À luz destas tendências teóricas – posteriores à obra das Três Marias – é possível interpretar o(s) corpo(s) feminino(s) em *Novas Cartas Portuguesas* a partir da consideração de um espaço de localização, num sentido literal e figurativo.

Ao considerarmos *Novas Cartas* enquanto objecto de estudo, é importante salientar que uma metáfora recorrente nesta obra é precisamente “a materialidade, a corporalidade, a especificidade do corpo”, nas palavras de Maria Marta Pessanha Mascarenhas Simosas (2007: 130). De facto, já foi destacado por Alda Maria Lentina que vários textos do livro, à semelhança da “política de localização” de Rich, relembram a necessidade de um “regresso [...] [ao] território perdido” do corpo individual (cf. Lentina 2016: 284). Vejamos, por exemplo, o texto “Segunda carta última”: “Tu, mulher olhando o seu corpo como coisa distinta, como seu próprio objeto erótico, e não como seu eu [...]; as mulheres regressam da sua longa hibernação sexual mas ainda não habitam seu corpo” (Barreno/Horta/Costa 2010: 284). Para além do patente erotismo que este trecho ilustra, pode-se salientar a insistência em que cada mulher *ocupe* o seu próprio corpo e perceba as condições materiais daquele espaço, para poder articular uma experiência pessoal.

Observa-se, porém, que a obra não pretende articular apenas *my body*, isto é, os corpos das próprias autoras, ou mesmo *the body*, no sentido de um corpo genérico. Em vez disso, a intenção declarada em múltiplos textos é a de incorporar ou *encarnar* diversas experiências pessoais, como se pode verificar no texto “Primeira carta III”: “Nem só de nós falamos, nem só de quem mora connosco, a quem cedemos porta ao trio; eles coniventes, perante aventura que não entendem, mas onde entraram por nos serem perto e no fundo urgentes” (*idem*: 34). Do mesmo modo, em textos como “Terceira carta IV”, esta preocupação com a diversidade de perspetivas assume um simbolismo decididamente corpóreo: “[S]erá duro jogarmos com a pele dos outros” (*idem*: 81). Neste caso, a *pele* do corpo feminino representa o equilíbrio delicado que deve ser estabelecido entre a experiência material pessoal e a solidariedade entre mulheres de circunstâncias distintas.

Na verdade, tal como referido por Maria de Lourdes Pintasilgo, num dos seus Prefácios a *Novas Cartas*, o texto constitui um verdadeiro “fresco” das mulheres

portuguesas durante o regime salazarista (2010: XXXIV),⁵ fresco esse que engloba uma plêiade de realidades e condições concretas *incorporadas* pelas autoras. Em primeiro lugar, é importante frisar o modo como os corpos femininos são situados em contextos decididamente geográficos, principalmente no Portugal do Estado Novo. A título de exemplo, a estratégia da “ruralidade como defesa da Nação” (Neves 2001: 52), praticada pela ditadura salazarista através da intervenção da Obra das Mães para a Educação Nacional nas zonas rurais do país (cf. *idem*: 44), é satirizada e contrariada pelas Três Marias. Especificamente, podemos considerar o texto “Carta de uma mulher de nome Maria para sua filha Maria Ana a servir em Lisboa”, que ilustra as duras realidades da sociedade rural através do sofrimento do corpo de uma jovem camponesa que acaba de escapar desta província: “Eu não lhe disse (também tenho orgulhos) que se me partir [*sic*] o coração de te ouvir chorar toda a noite e de manhã ver-te *curvada a caminho do campo* sem olhares as coisas nem as pessoas, tal como eu” (Barreno/Horta/Costa 2010: 245, *italicos nossos*). Ao associar o sofrimento corpóreo desta personagem à atividade agrícola na sua comunidade natal, as autoras atribuem uma localização literal e simbólica ao corpo feminino.

Por outro lado, é importante referir que este livro utiliza topónimos precisos – de determinadas regiões de Portugal – para situar numerosas vozes femininas em lugares geográficos concretos. Esta tendência evidencia-se sobretudo no texto “Carta de uma mulher de nome Maria Ana, da aldeia de Carvalhal, pertencente à freguesia de Oliveira de Fráguas do concelho de Albergaria-a-Velha, distrito de Aveiro”, cujo próprio título (“longo”, “com precisão” [Mendes 2016: 253]) salienta a localização específica que caracteriza o quotidiano de Maria Ana: decididamente provincial, porventura isolada, poluída,⁶ e minuciosamente situada no seio do Portugal rural. Ao longo da obra, as Três Marias enquadram os seus textos em ambientes rurais ou provinciais – por vezes geograficamente precisos, por vezes, ambíguos – assim como em outros ambientes localizados em Lisboa. No entanto, é predominantemente a paisagem regional do Alentejo, no sul de Portugal, que atravessa a obra, tal como se verifica em *Cartas Portuguesas* (1669), cuja autoria se atribui a Soror Mariana Alcoforado. Em *Novas Cartas*, a região do Alentejo assume um papel de destaque enquanto enquadramento da ação, sendo habitada por Mariana Alcoforado do

século XVII e por personagens femininas mais contemporâneas: Mariana, Maria Ana, Maria e Mariana A., entre outras.

Dito isto, é relevante considerar a forma como esta evocação de uma geografia regional interage com a apresentação do *corpo* no livro das Três Marias. Por um lado, já foi referido por Hilary Owen que, em alguns casos, a paisagem alentejana é identificada com processos de *colonização*, tanto no contexto da Guerra Colonial em África (cf. 1999: 58) como no sentido da dominação do corpo físico de Mariana Alcoforado pelo Cavaleiro de Chamilly:

A recurrent inter-connecting metaphor throughout NCP is the body of woman as man’s territorial conquest. [...] The Chevalier seeks himself projected onto the landscape of the Alentejo. Where the Alentejo is the body of Mariana [...] the subject of a cultural discourse is constructed [...]. Thus the Chevalier establishes himself by projection onto Mariana, metaphorized as her native landscape [...]. (*idem*: 49-56)

De facto, podemos observar uma evidente comparação entre a província quente alentejana e a objectificação do corpo feminino da freira, em textos como “Bilhete de Mariana Alcoforado ao cavaleiro de Chamilly”: “este alentejo aceso ao qual me comparavas o corpo” (Barreno/Horta/Costa 2010: 50). No entanto, é igualmente possível argumentar que a articulação entre o corpo da mulher e a província do Alentejo na obra contribui para um *locus* físico de resistência, nomeadamente no sentido erótico. Especificamente, no texto “Segunda carta IV”, verifica-se que a transgressão sexual e a libertação do corpo de Mariana Alcoforado são explicitamente associadas à paisagem escaldante e árida da região: “Ó espasmo. Ó todo sol. Ó imensas terras abrasadas a perder de vista, meu alentejo de orgasmo na plena aridez dos dias” (*idem*: 69). Assim, através desta união entre *corpo* e *geografia*, as Três Marias reforçam a já estabelecida reputação do Alentejo como uma localização que, apesar de ser *marginal*, não deixava de ser um espaço de *resistência* contra a ditadura da época.⁷

Para além deste *mapeamento* de corpos femininos através da geografia propriamente dita, os corpos de mulheres em *Novas Cartas* também são localizados – num

sentido figurativo – por uma série de outros marcadores de identidade e situações de desigualdade ou discriminação, que são tão relevantes para o mundo de 2018 como o foram para Portugal em 1972: a classe económica, as condições de emprego, o nível de escolaridade e a identidade racial, entre outros (cf. Haysom 2016: 50-74). Na verdade, estes diversos factores confluem num determinado *locus* – o corpo da mulher – para *localizar* as personagens femininas desta obra. Por exemplo, alguns trechos do livro localizam os corpos de mulheres através das suas circunstâncias económicas, tal como se pode observar no texto “Monólogo de uma mulher chamada Maria, com a sua patroa”, que evoca a fome sentida no estômago de uma mulher operária: “às vezes nem tenho uma bucha para enganar a barriga” (Barreno/Horta/Costa 2010: 164). Em contrapartida, o texto “Extractos do diário de Ana Maria, descendente directa da sobrinha de D. Maria Ana, e nascida em 1940” utiliza a metáfora de um corpo feminino para ilustrar a objectificação e crescente comercialização das mulheres de classe média nos anos sessenta: “a mulher [...] pode ir ao concurso de beleza mostrar o rabo e as pernas” (*idem*: 204). Deste modo, elementos fundamentais das “políticas de localização” teorizadas desde os anos oitenta são contempladas no livro das Três Marias através da imagem repetida do corpo da mulher.

Para além disso, noutros casos o corpo feminino surge como o *locus* no qual *múltiplos* marcadores identitários e situações de opressão social confluem e se interseccionam no mesmo espaço. Voltemos ao texto “Extractos do diário de Ana Maria (...)”, que salienta vários factores: a discriminação sexual contra as mulheres, a exploração da mão-de-obra feminina no Portugal dos anos sessenta, e a proveniência geográfica daquelas mulheres são todos elementos que convergem nos corpos das trabalhadoras fabris: “Recrutam-se mulheres, com os dedos afinados por trabalhos miúdos de costura, renda, e outras artes domésticas *ou regionais*, com os dedos óptimos para o trabalho miúdo da montagem na electrónica” (*idem*: 202-203, *itálicos nossos*). Do mesmo modo, no texto “Carta de um homem chamado José Maria para António, seu amigo de infância” (que assume a perspectiva de um soldado português lutando na Guerra Colonial), observamos um corpo feminino e africano que é *situado* em vários sentidos. Especificamente, aquele corpo é marcado pela sua raça, pela sua localização geográfica e pelo seu sexo, sendo objectificado e

exotizado por um olhar que é masculino, branco e europeu: “Algumas são por sinal muito boas as gajas com as mamas direitas assim nuas e às vezes a gente fica tão doido que não se interessa do cheiro ou da cor delas” (*idem*: 178). Neste sentido, o corpo feminino em *Novas Cartas* também pode ser interpretado como um sítio no qual vários tipos de localização se podem enquadrar simultaneamente.

Assim sendo, o corpo feminino em *Novas Cartas Portuguesas* é “múltiplo ou multifacetado”, nas palavras de Isabel de Jesús (2012: 51), sendo um elemento que, apesar de ser localizado de vários modos, não é constante ou fixo. De facto, a obra flutua entre distintas experiências *encarnadas*, através de um processo identificado por Maria Alzira Seixo como uma “repartição de vozes” (1999: 183-184), que engloba diversos marcadores identitários, circunstâncias, condições sociais e *geografias*. É igualmente importante referir que, para além das cartas que remetem para realidades portuguesas, o livro também contempla uma série de realidades femininas transnacionais, em textos como “Texto de honra ou de interrogar, escrito por uma mulher de nome Joana”. Aqui, a questão do aborto, ou seja, o direito de uma mulher poder controlar o seu próprio corpo, serve como ponto de comunhão entre mulheres de continentes diferentes: “Indirectamente, na América, *como em tantos outros países*, a lei protege uma estranha espécie de «pena de morte» aplicável às mulheres, ao lhe negarem o «controle» dos seus próprios corpos” (Barreno/Horta/Costa 2010: 247, *itálicos nossos*).

Assim, através destas diversas formas, o corpo feminino representado em *Novas Cartas* é comparável à entidade fluida conceptualizada por Haraway, cujas fronteiras, supostamente fixas e delimitadas, podem ser contestadas e desconstruídas. No texto “Segunda carta III”, por exemplo, evidencia-se uma recusa por parte da voz autoral de definir e limitar o corpo da mulher:

Se fôssemos nós existindo definidas – ou definindo os nossos limites? [...] Definimo-nos para aqueles que nos amam pelos nossos limites de carne e de pele, de saber e de sentir, o contorno, a forma, é o que nos torna palpáveis e compreensíveis. [...] Estamos sempre longe de nos definir até à nossa morte. (*idem*: 38)

Ao mesmo tempo, a obra indica que a única maneira de compreender e de desconstruir os “limites” e fronteiras impostos é a de começar pelos confins do corpo individual – a geografia mais próxima e pessoal, segundo Rich. É de salientar que vários textos utilizam uma linguagem explicitamente geométrica, que remete para a dimensionalidade e a *cartografia* do corpo, como é o caso da “Terceira carta IV”: “Voltando à enumeração dispersa dos rostos cristalizados da mulher; só quando os soubermos alinhar segundo eixos, vectores, poderemos ver a extensão e profundidade do que nos tolhe a todos, mulheres e homens. Pegando, por exemplo, numa linha: corpo de mulher” (*idem*: 81-82). Este trecho resume de forma particularmente eficaz a função literária do corpo feminino ao longo de *Novas Cartas*: o livro utiliza um *único* corpo como ponto de partida, para explorar as diversas realidades e circunstâncias de mulheres à escala global e, desta forma, conseguir a objectividade feminista *encorporada* defendida por Haraway.

Deste modo, o livro constrói, de forma literária, uma espécie de protótipo das políticas de localização, defendendo a solidariedade entre mulheres de localizações e situações distintas – e a contestação de circunstâncias de desigualdade e opressão – através da partilha entre corpos femininos *individuais*: “Ouve minha irmã: o corpo. Que só o corpo nos leva até aos outros. [...] Nosso intercâmbio – e toda a amizade de mulheres – tem um tom de uterino, de troca lenta, sanguínea e carente, de situação e princípio retomada” (*idem*: 113, 82).⁸ Esta imagem de comunhão corpórea remete para a construção de uma irmandade baseada na experiência material; noutras palavras, a constituição de um *bloco* de corpos individuais, como é defendido de forma explícita em “Texto de honra ou de interrogar [...]”: “Digo: Chega. É tempo de se gritar: chega. E formarmos um bloco com os nossos corpos” (*idem*: 250). Nesta imagem emblemática, patenteia-se um efeito decididamente *composto*: esse tal bloco, para ser uma arma forte e inquebrantável perante forças políticas, económicas e sociais de opressão (dentro e fora do Portugal salazarista) deve conter e compreender uma diversidade de corpos femininos materiais. Ou seja, o exercício de *mapeamento* que o livro realiza, partilhando as vivências individuais (e *localizadas*) de numerosas mulheres, contribui para um *bloco* – duro e inabalável – constituído por aquelas realidades.

Por conseguinte, optou-se por intitular este artigo “o(s) corpo(s) localizado(s) em *Novas Cartas Portuguesas*”, porque o livro contém uma tensão patente entre o corpo individual e a compilação de múltiplos corpos femininos. Não obstante, as “políticas de localização” exploradas literariamente neste livro têm, à semelhança de textos teóricos das décadas posteriores, um ponto de partida incontestável: *o corpo*, material, localizado, particular e pessoal. É a partir deste *espaço* que *Novas Cartas* constrói a sua cartografia – composta de vivências parciais, embora tendo uma abrangência global – de forma a que todas as mulheres, independentemente da sua própria localização, possam continuar “sós mas menos desamparadas” (*idem*: 304).

NOTAS

¹ Referimo-nos, em primeiro lugar, ao texto “Uma abordagem feminista de *Novas Cartas Portuguesas*” (2012) de Isabel de Jesús, no qual o corpo feminino em *Novas Cartas* é conceptualizado como um símbolo de *écriture feminine* e de “*jouissance*” (Jesús 2012: 48-49).

² Consultar “New cartographies of the body in *Novas Cartas Portuguesas*” (1999) de Hilary Owen, “As *Novas Cartas Portuguesas* ou uma nova cartografia do feminino” (2016) de Alda Maria Lentina, e “Da crítica feminista e a escrita” (2012) de Paula Cunha, que alude à voz autoral da obra “como se lhe fosse necessário cartografar-se para afirmar a sua subjetividade, o seu eu, e a apreensão da realidade com base nessa experiência” (Cunha 2012: 6).

³ Os textos que mencionam esta ligação são: *A Fluida Arte da Descosura: Filosofias de Liberdade em Cartas Portuguesas e Novas Cartas Portuguesas* (cf. 2007: 87-88) de Maria Marta Pessanha Mascarenhas Simosas, a Edição Anotada de *Novas Cartas Portuguesas* (2010 [Dom Quixote]: n90, 338-339) e o artigo de Lentina acima referido (cf. 2016: 284).

⁴ É igualmente possível considerar *Novas Cartas Portuguesas* à luz de outros textos teóricos relacionados com as “políticas de localização”, como por exemplo o ensaio “Towards a Politics of Location: Rethinking Marginality” (1990) de Joan Borsa (cf. Haysom 2016: 27-29). No entanto, os textos de Rich e Haraway são extremamente relevantes para o presente estudo no sentido de equacionar o *corpo* e a *localização*.

⁵ Será importante referir, porém, que vários textos do livro também remetem para a situação de mulheres em Portugal nos séculos dezassete, dezoito e dezanove. Cf. “Lamento de Mariana Alcoforado para Dona Brites” e “Extractos do diário de D. Maria Ana, descendente directa de D. Mariana sobrinha de D. Mariana Alcoforado e nascida por volta de 1800”, entre outros exemplos.

⁶ Como observa Victor K. Mendes, esta carta situada na aldeia de Carvalhal também oferece uma leitura *ecofeminista*, ao salientar as condições de poluição no rio Caima (distrito de Aveiro), no contexto da escrita. Cf. “‘Féminisme sauvage’ selvagem: *Novas Cartas Portuguesas* (1972) e a conceptualização do ecofeminismo (1974)” (Mendes 2016: 247-277).

⁷ O historiador D.L. Raby destaca a concentração de opositores ao Estado Novo (principalmente os do Partido Comunista Português) nos latifúndios do Alentejo (cf. 1988: 123-124). Para além disso, a noção do Alentejo como uma província politicamente agitada surge claramente na cultura popular dos últimos anos do regime, como se verifica na canção “Desfolhada Portuguesa” (1969), interpretada por Simone de Oliveira e da autoria de Ary dos Santos: “É trigo loiro, é além Tejo / O meu país neste momento / O sol o queima, o vento o beija / Seara louca em movimento”.

⁸ Dito isto, é importante salientar que, aquando da publicação de *Novas Cartas*, a partilha de experiências pessoais de mulheres já era uma tendência conhecida, sobretudo através da prática internacional de *feminist consciousness-raising*. Sobre a relação entre *Novas Cartas* e *consciousness-raising*, ver Chatarina Edfeldt, “Sororidade transnacional como acto político: A recepção de *Novas Cartas Portuguesas* na Suécia” (2014).

Bibliografia

Alcoforado, Mariana (atribuído) (1993), *Cartas Portuguesas [Lettres Portugaises]*, Trad. Eugénio de Andrade, Lisboa, Assírio & Alvim [1969].

Barreno, Maria Isabel / Maria Teresa Horta / Maria Velho da Costa (2010), *Novas Cartas Portuguesas*. Edição Anotada, Org. Ana Luísa Amaral, Lisboa, Dom Quixote [1972].

Borsa, Joan (1990), “Towards a Politics of Location: Rethinking Marginality”. *Canadian Woman Studies*, vol. 11, no.1, 36-39.

Braidotti, Rosi (2000), “Between the No Longer and the Not Yet: Nomadic Variations on the Body”, *Bologna International Women’s Conference*, Sept. 2000, <<http://archeologia.women.it/user/quarta/plenary/braidotti.htm>> (último acesso em 30/11/2018).

Crenshaw, Kimberlé W. (1989), “Demarginalising the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics”, *University of Chicago Legal Forum*, no. 14, 139-167.

Cunha, Paula Cristina Ribeiro da Rocha de Moraes (2012), “Da crítica feminista e a escrita feminina”, *Revista Criação e Escrita*, no. 8, 1-11, <<http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/46837/50598>> (último acesso em 07/12/2018).

Edfeldt, Chatarina (2014), “Sororidade transnacional como acto político: A recepção de *Novas Cartas Portuguesas* na Suécia”, in *Novas Cartas Portuguesas: Entre Portugal e o Mundo*. Ed. Ana Luísa Amaral e Marinela Freitas, Porto, Dom Quixote, 365-420.

Haraway, Donna, (1988), “Situated Knowledges: the Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective”, *Feminist Studies*, vol. 14, no. 3, Autumn 1988, 575-599.

Haysom, Peter (2016), *Mapeando as “Margens de Areia”: Políticas de Localização em Novas Cartas Portuguesas*, Dissertação de Mestrado, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

hooks, bell (2000), *Feminist Theory: From Margin to Center*, Oxon, Routledge [1984].

Jesus, Isabel de (2012). “*Novas Cartas Portuguesas*: uma abordagem feminista”, *Faces de Eva*, no. 28, Edições Colibri / Universidade Nova de Lisboa, 43-52.

Lentina, Alda Maria (2016), “As *Novas Cartas Portuguesas* ou uma nova cartografia do feminino”, *Cadernos de Literatura Comparada* 35, 279-294, <<http://ilc-cadernos.com/index.php/cadernos/article/view/392/425>> (último acesso em 30/11/2018).

Macedo, Ana Gabriela (2001), “Material Girls: Feminism and Body Matters”, *Cadernos de Literatura Comparada* 3-4, 146-169, <<http://ilc-cadernos.com/index.php/cadernos/article/view/61/48>> (último acesso em 30/11/2018).

Mendes, Victor K. (2016), “‘Féminisme sauvage’ selvagem: *Novas Cartas Portuguesas* (1972) e a conceptualização do ecofeminismo (1974)”, *Cadernos de Literatura Comparada* 35, 247-277, <<http://ilc-cadernos.com/index.php/cadernos/article/view/391/424>> (último acesso em 06/12/2018).

Neves, Helena (2001), *O Estado Novo e as Mulheres: O Género Como Investimento Ideológico e de Mobilização*, Lisboa:,Câmara Municipal de Lisboa/Biblioteca Museu República e Resistência.

Owen, Hilary (1999), “New Cartographies of the Body in *Novas Cartas Portuguesas*: the (Counter) Narrative of the Nation and the Sign of the Voyage Back”, *Ellipsis: Journal of the American-Portuguese Studies Association*, no.1: “Engendering the Nation”, 45-61.

Pintasilgo, Maria de Lourdes (2010), “Prefácio (leitura longa e descuidada)”, in *Novas Cartas Portuguesas*, Lisboa, Dom Quixote, XXXI-XLVIII [1980].

Raby, D.L. (1988), *Fascism & Resistance in Portugal: Communists, Liberals and Military Dissidents in the Opposition to Salazar, 1941-74*, Manchester, Manchester University Press.

Rich, Adrienne (1986), “Notes Toward a Politics of Location”, in *Blood, Bread and Poetry: Selected Prose 1979-1985*. EUA: W.W. Norton, 210-231 [1984].

Santos, Ary dos (1969), “Desfolhada Portuguesa” [Intepretada por Simone de Oliveira].

Seixo, Maria Alzira (2001), “Quatro razões para reler *Novas Cartas Portuguesas*”, in *Outros Erros: Ensaios de Literatura*. Porto: Asa Editores, 179-187 [1998].

Simosas, Maria Marta Pessanha Mascarenhas (2007), *A Fluida Arte da Descosura: Filosofias de Liberdade em Cartas Portuguesas e Novas Cartas Portuguesas*. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Peter Haysom é licenciado em Línguas Modernas (Espanhol e Português) pela Universidade de Cambridge e Mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes pela Universidade do Porto. É actualmente doutorando em Estudos Portugueses e Lusófonos na Universidade de Nottingham, sendo bolsheiro da Midlands4Cities AHRC Doctoral Training Partnership. Publicou já vários artigos, versando as suas áreas de interesse, as quais incluem as políticas de localização, o regionalismo e a identidade regional na literatura portuguesa.